



A INVASÃO DO CONJUNTO V NÃO APRESENTA INFRA-ESTRUTURA MÍNIMA AOS MORADORES: O ESGOTO ESCORRE NO MEIO DA RUA, SEM ASFALTO E CHEIA DE LIXO

AREAL

Moradores querem retirada de invasão

Moradores da QS 11, Conjunto N do Areal sentem-se incomodados com a proximidade da invasão do Conjunto V, a cerca de três metros das casas. Os invasores permanecem no local com promessa de lotes no Recanto das Emas.

Naiobe Quelem
Da equipe do Correio

Quando Francisca (nome fictício) ganhou um lote na QS 11, Conjunto N, do Areal, há quatro anos, pensou que enfim deixaria de pagar aluguel. Começou a construir a casa aos poucos, mas ainda não conseguiu concluir a obra. “Não me deixei terminar. Já roubaram tudo que podiam: material de construção, caixa d’água, disjuntor e agora estão levando parte das telhas”, conta.

Na tentativa de resolver o problema, Francisca recorreu à Administração Regional de Taguatinga, mas pouco adiantou. “O administrador disse que isso acontece porque não tem ninguém morando nas casas e que não pode colocar um vigia na porta de cada um. Mas como posso mudar para lá desse jeito?”, desabafa.

Pelo menos mais três famílias encontram-se na mesma situação de Francisca. Coincidência ou não, são justamente os pro-

prietários dos lotes localizados em frente à invasão do Conjunto V, a cerca de três metros do portão das casas.

A proximidade com a área ocupada indevidamente faz com que os moradores regularizados vivam praticamente nas mesmas condições que os invasores. O esgoto e o resto de água do tanque comunitário da invasão escorrem pelo meio da rua, sem asfalto e cheia de lixo. Algumas famílias abandonaram as construções, que se transformaram em depósito de lixo. Restos de muros e cômodos mal acabados servem como banheiro para os moradores da invasão.

“Isso daqui não era tão sujo assim. A culpa é da administração, que começou a retirar a invasão, não terminou e deixou o lixo no meio do caminho. Alguns foram embora, mas muitos voltaram”, lembra a moradora do Conjunto N Edilene Augusto da Silva, 34 anos. Vizinha da invasão, ela viu cada barraco sendo erguido. “Cresceu muito. O administrador já deveria ter feito algo para essas pessoas há tempo. Elas estão sendo enganadas, com promessa de serem transferidas para outro lugar”, constata.

Os transtornos também são grandes para quem vive na invasão. São cerca de 300 barracos de madeirite separados por becos estreitos. Água e luz, só por meio de

ligações clandestinas — os famosos gatos. “Vivemos num barril de pólvora. Quando der um curto-circuito numa dessas gambiarras, só vai (sic) sobrar as cinzas”, preocupa-se um morador, que preferiu não se identificar.

Para não ficarem doentes, as crianças são obrigadas a passar os dias trancadas nos barracos. “Meu neto está com diarreia há cinco meses”, conta Maria Helena dos Santos Pereira, 52 anos, mostrando a criança, que aparenta pouco mais de um ano e andava para um lado e outro no meio da lama e com um brinquedo sujo na boca. Baratas, ratos, escorpiões e lacraias também não são novidades. Alguns moradores guardam as provas dentro de vidros vazios.

Os pais de família sentem-se discriminados. “Eles pensam que aqui só mora ladrão. Os bandidos vêm de fora assaltar e a polícia coloca a culpa na favela”, queixa-se Edilson Gomes da Silva, 50 anos. “Quando acontece roubo, eles (policiais) vêm aqui pegar alguém para ser reconhecido. Já arrancaram meu filho de dentro do lote pra levar para a delegacia. Ele nunca teve uma passagem pela polícia”, indigna-se Valentina Gomes de Sousa.

“Mas aqui também acontecem roubos”, conta Lucivânia da Cruz Santana, 27 anos. “Na semana passada entraram no meu barra-

co e roubaram várias coisas, inclusive meu fogão”, diz.

“Com certeza, aqui está difícil de ficar. Os moradores regularizados têm toda razão em reclamar. Imagine morar numa rua como essa. Mas estamos batalhando um lugar pra gente também. Se ganharmos um lote, vai ser melhor para eles e para nós”, conclui Daniel Rodrigues de Oliveira, que mora na invasão há cerca de dois anos.

Assim como Daniel, centenas de famílias vivem em condições subumanas, movidas pela chance de ganhar um lote. “Eles dizem que existem 250 lotes no Recanto das Emas e que vamos ser transferidos para lá”, conta Lucivânia.

O administrador de Taguatinga, Valdemar Aguiar, confirma a informação. “Eles vão ser retirados e o lugar mais provável para remoção é o Recanto das Emas. O Serviço Social realizou um estudo sócio-econômico da área, que foi encaminhado à Seduh (Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Habitação). Agora, só falta a secretaria decidir o local definitivo”, garante o administrador.

SERVIÇO

OUVIDORIA DA ADMINISTRAÇÃO REGIONAL DE TAGUATINGA
351-7977, ramal: 347
PROURB
343-9564

Remoção indefinida

A Seduh, por sua vez, negou a informação do administrador. Por meio de sua assessoria de imprensa, a secretaria informou ao **Correio** que não há nenhum estudo para remoção daquelas pessoas para outra área, muitos menos que permita o assentamento dos invasores no local onde estão. Segundo a Seduh, para que isso ocorra é necessária a aprovação de um projeto de lei na Câmara Legislativa regulamentando o assunto.

A única regulamentação existente é a Lei 329/2000, que prevê a permanência dos invasores no local, mas está suspensa por força de liminar, devido a Ação Direta de Inconstitucionalidade (Adin) movida

pelo Ministério Público do Distrito Federal e Territórios (MPDFT). “Com base na liminar, recomendamos à Administração que não implantasse nada na área. O local é destinado à instalação de equipamentos públicos”, esclarece a promotora de Defesa da Ordem Urbanística, Ana Maria Amarante.

A Promotoria de Defesa da Ordem Urbanística (Prourb) aguarda resposta da Seduh para pedir esclarecimentos ao administrador Valdemar Aguiar. Segundo ela, a Prourb tinha esperança de resolver o problema extrajudicialmente. “Mas, se não tiver outra solução, vamos entrar com ação civil pública pedindo a retirada dos invasores”, afirma.